

COMPETIÇÃO INTERNA NA HIERARQUIA CONSTRUCIONAL: UM ESTUDO DO PRINCÍPIO DA NÃO SINONÍMIA

INTERNAL COMPETITION IN CONSTRUCTIONAL HIERARCHY: A STUDY OF THE NON-SYNONYMY PRINCIPLE

Flávia Saboya da Luz Rosa¹

Mariangela Rios de Oliveira²

RESUMO

Neste artigo, investigamos a variabilidade linguística em perspectiva construcional, com base no princípio da não sinonímia, nos termos de Goldberg (1995, 2006). A partir dos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso, e conforme se encontra em Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), entre outros, postulamos que esse princípio pode ser refinado e relativizado, levando-se em conta a hierarquia construcional proposta por Traugott (2008). Assim, elegemos aqui como objeto de pesquisa um esquema específico do português, integrante do paradigma dos marcadores discursivos formados por elementos indutor-refreadores e afixoides de origem locativa, nos termos de Rosa (2019); trata-se da construção de subfunção refreador-argumentativa, codificada como $[Indut_R Afix_{Loc}]_{RA}$, de que resultam dez construtos, que acabam competindo entre si no uso linguístico: *alto lá, calma aí, calma lá, espera aí, espera lá, segura aí, segura lá, aguenta aí, aguenta lá* e *para aí*. Na pesquisa da não sinonímia, voltamo-nos para a *competição interna* (OLIVEIRA, 2018) ocorrida no esquema, defendendo que, em determinados níveis hierárquicos construcionais, é possível a proposição de *sinonímia virtual* e *sinonímia aparente*, contudo, na instância de uso efetivo, em que propriedades extra e intralinguísticas moldam as interações, no âmbito do construto, não ocorre, de fato, sinonímia, dado que o sentido é contextualmente dependente.

PALAVRAS-CHAVE: Não sinonímia; competição pelo uso; construção refreador-argumentativa; hierarquia construcional.

ABSTRACT

In this paper, we investigate linguistic variability in a constructional perspective, based on the principle of non-synonymy, in Goldberg's terms (1995, 2006). Taking on the assumptions of the Usage-Based Functional Linguistics, and as found in Traugott and Trousdale (2013) and Hilpert (2014), among others, we postulate that this principle can be refined and relativized, taking into account the constructional hierarchy proposed by Traugott (2008). Thus, we have chosen here as the research object a specific scheme of Portuguese, part of the paradigm of discourse markers formed by inductive restraining elements and affixoids of locative origin, in the terms of Rosa (2019); it is the construction of restraining argumentative subfunction, coded as $[Indut_R Afix_{Loc}]_{RA}$, which results in ten constructs, which compete with each other in the linguistic use: *alto lá, calma aí, calma lá, espera aí, espera lá, segura aí, segura lá, aguenta aí, aguenta lá* and *para aí*. In the research of non-synonymy, we turn to the internal competition (OLIVEIRA, 2018) that takes place in the scheme, arguing that, at certain constructional hierarchical levels, it is possible to propose virtual synonymy and apparent synonymy, however, in the instance of effective use, in which extra and intralinguistic properties shape the interactions, within the construct, synonymy does not, in fact, occur since the meaning is contextually dependent.

KEYWORDS: Non-synonymy; competition for use; restraining argumentative construction; constructional hierarchy.

1 Pesquisadora, Doutora em Estudos de Linguagem, do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* sediado na Universidade Federal Fluminense (D&G – UFF). E-mail: flaviasaboya@gmail.com

2 Professora titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense e professora visitante da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; pesquisadora do CNPq e da Faperj; líder do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF. E-mail: mariangelariosdeoliveira@gmail.com

Introdução

Com a incorporação da abordagem construcional da gramática, de vertente cognitivista, na linha de Goldberb (1995, 2006) e Croft (2001), entre outros, à pesquisa funcionalista norte-americana, trabalhamos hoje sob o enfoque da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), tal como praticada no Brasil no contexto do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*³. Essa linha investigativa se fundamenta, em grande parte, nas pesquisas de Traugott e Trousdale (2013), Hilpert (2014) e Bybee (2010, 2015). A assunção dessa perspectiva teórica, que parte do pressuposto de que a língua é uma rede de pares simbólicos de conteúdo e forma, forjados via convencionalização de uso, tem se mostrado relevante para a pesquisa linguística funcionalista, porém tem lançado novos desafios aos investigadores da área.

Um desses desafios é contemplado no presente artigo: o tratamento da variabilidade em perspectiva construcional. Se partimos da premissa de que o significado construcional é distinto da soma do significado das subpartes e de que cada construção é um todo semântico-sintático altamente vinculado, então não há lugar para a sinonímia, tal como preconizado por Goldberg (1995). De outra parte, consideramos que os constituintes linguísticos competem pelo uso, que partilham, em maior ou menor grau, certos traços semânticos, e que, portanto, a variabilidade faz parte da natureza das línguas, como destacado por Bybee (2010, 2015).

Partindo dessas considerações preliminares, objetivamos aqui investigar e testar o princípio goldbergiano da não sinonímia, tomando como objeto de análise uma específica rede de construções do português – a dos marcadores discursivos (MD) formados por subparte indutora (Indut) e afixoide (Afix⁴), convencionalizada como [Indut Afix]_{MD} e classificada por Traugott (2008) como uma macroconstrução, pesquisada no Brasil por Rosa (2019). Desse nível hierárquico mais alto, elegemos uma subfamília, ou mesoconstrução, nos termos da mesma autora, de subfunção refreador-argumentativa (RA), codificada como [Indut_R Afix_{Loc}]_{RA}. Nesse grupo, a primeira subparte é um elemento indutor-refreador, como as frases nominais *calma* e *alto*⁵, ou ainda como os verbos *para*, *espera*, *segura* e *aguenta*; a segunda subparte é um constituinte afixoide de origem locativa, como *lá* ou

3 Para maiores informações, consultar o site <https://discursoegramaticablog.wordpress.com/>

4 De acordo com Booij (2010; 2013), afixoide são elementos que exibem gradiência, situando-se entre constituintes lexicais, de conteúdo mais pleno, e constituintes gramaticais, de maior sentido procedural, como afixos e desinências. Trata-se de elementos mais leves, em termos de sentido e forma, que, vinculados a outros nucleares, concorrem para a configuração de expressões específicas; estas, uma vez fixadas, podem fornecer modelo para outras formações na língua, como os pronomes locativos *lá* e *aí*.

5 Termo oriundo do âmbito militar que significa “interrupção da marcha da tropa”.

ai. Desses níveis mais altos, resultam dez microconstruções, que acabam competindo entre si como construtos no uso linguístico: *alto lá, calma aí, calma lá, espera aí, espera lá, segura aí, segura lá, aguenta aí, aguenta lá e para aí*.

Neste artigo, o foco de nossa investigação se volta justamente para a *competição interna*, ou seja, para a variabilidade que, nos termos de Oliveira (2018), ocorre entre *types* pertencentes a um mesmo esquema, no nosso caso, a mesoconstrução $[Indut_R Afix_{Loc}]_{RA}$. Assumimos a hipótese de que esses *types*, em seus distintos níveis hierárquicos, meso, microconstrucionais e no nível do construto, partilham propriedades semânticas e estruturais e, paralelamente, têm propriedades específicas.

Consideramos que a sinonímia pode ser tomada como gradiente numa abordagem construcional e hierárquica. Postulamos que, na rede pesquisada, ocorre tanto *sinonímia aparente*, caracterizada pelo pertencimento ao mesmo paradigma, no caso deste estudo, ao dos marcadores discursivos refreador-argumentativos, quanto *sinonímia virtual*, em que *types* parcialmente esquemáticos são passíveis, em tese, de instanciar *types* preenchidos, de significado compatível. De outra parte, entendemos que não há *sinonímia perfeita*, uma vez que não detectamos correspondência absoluta entre *types* no nível do construto, do uso efetivo. Assim, propomos que a não sinonímia, tal como formulada por Goldberg (1995), deva ser relativizada e tratada a partir de um contínuo, tal como fazemos aqui. Nessa linha de entendimento, a competição pelo uso, a instanciação de uma construção, é motivada no nível do construto, ou seja, das condições contextuais, intra e extralinguísticas, que configuram as interações. Portanto, se a língua manifesta variabilidade, as propriedades em que ocorrem os usos selecionam a melhor alternativa, instanciam o que é mais adequado aos propósitos comunicativos.

Para dar conta de nossos objetivos e testar as hipóteses de trabalho, este artigo se divide nas quatro seções a seguir. Na primeira, voltamos para a apresentação dos pressupostos da LFCU que fundamentam as análises, com foco na abordagem construcional, nas propriedades e níveis hierárquicos da $[Indut_R Afix_{Loc}]_{RA}$ e também no princípio da não sinonímia. A seguir, tratamos da metodologia de trabalho, com informes acerca dos *corpora* da pesquisa e dos procedimentos de análise, que, privilegiando o viés qualitativo, utilizam a correlação de propriedades do eixo do conteúdo e da forma elaborados por Croft (2001) e o refinamento da hierarquia da $[Indut_R Afix_{Loc}]_{RA}$ estabelecidos por Rosa (2019). Na terceira seção, a variabilidade e a não sinonímia são analisadas a partir de dois níveis microconstrucionais estabelecidos por Rosa (2019) para a construção refreador-argumentativa; com base nessa análise, propomos uma escala de não sinonímia para o tratamento da competição interna, da variabilidade dentro da $[Indut_R Afix_{Loc}]_{RA}$. Por fim, tecemos algumas considerações acerca dos resultados obtidos com base na análise realizada, tendo em vista também a continuidade da

pesquisa nessa área.

1. Fundamentação teórica

A vertente teórica que nos orienta é a da LFCU, com a adoção das contribuições de Traugott e Trousdale (2013), Bybee (2010, 2015) e Hilpert (2014). Nessa perspectiva, a pesquisa funcionalista de vertente norte-americana incorpora a abordagem construcional da gramática, de vertente cognitivista, na consideração de que as relações entre conteúdo⁶ e forma são biunívocas, com equilíbrio entre ambos os eixos. Tal consideração impacta a pesquisa nessa área, lançando novo olhar sobre a dimensão estrutural da língua, como as associações metonímicas e analógicas, que passam a ser tão destacadas quanto as derivações polissêmicas, de base metafórica, tal como assumido por Traugott e Dasher (2005). Assim posto, o Funcionalismo que hoje praticamos assume os usos linguísticos, foco das pesquisas nessa área, como consequentes de três fatores básicos: os estruturais, relativos à própria configuração da gramática; os pragmático-discursivos, atinentes às motivações intra e extralinguísticas que contextualizam os modos de dizer; os cognitivos, referentes aos processos de domínio geral, nos termos de Bybee (2010), que impactam esses modos, como categorização, analogização e *chunking*⁷.

Para a apresentação dos pressupostos da LFCU que fundamentam a análise de nosso objeto de pesquisa, esta seção está dividida em três subpartes. Na primeira parte, nos dedicamos ao tratamento da construção gramatical como unidade de análise, sua definição, propriedades e níveis esquemáticos. No segundo momento, destacamos a dimensão hierárquica da abordagem construcional assumida pela LFCU e trazemos uma proposta de refinamento dos eixos da forma e do conteúdo, com base na referida hierarquia. A seguir, voltamo-nos para o tratamento da variabilidade linguística no âmbito do Funcionalismo e sua articulação ao princípio da não sinonímia na perspectiva da construção, concentrando-nos no modo pelo qual essa questão se relaciona com o pressuposto da competição pelo uso.

1.1. Construção: conceito, propriedades e níveis esquemáticos

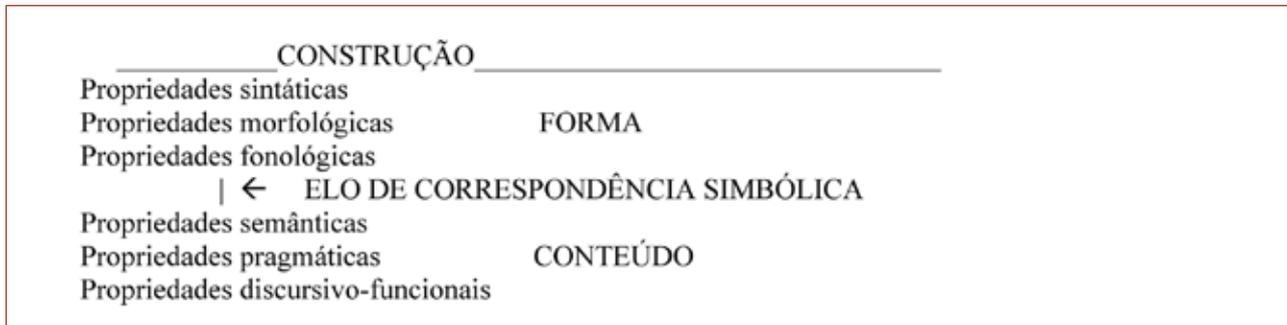
De acordo com Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001), entre outros, definimos construção como o pareamento simbólico entre conteúdo e forma. Segundo os mesmos autores, o conteúdo construcional não se resume à soma das subpartes da construção, embora cada uma destas concorra, com alguns traços de seu significado fonte, para o conteúdo convencionalizado. A Figura 1, a seguir,

6 Como Rosa (2019), adotamos o termo *conteúdo* para a referência ao eixo significativo da construção.

7 Termo usado por Bybee (2010), na referência ao processo cognitivo de agrupamento de sequências de unidades de forma e sentido, de base gestáltica.

detalha as propriedades que ligam as construções:

Figura 1: Modelo para a estrutura simbólica de uma construção.



Fonte: Adaptado de Croft (2001, p.18)

Como podemos observar pela Figura 1, sintaxe, morfologia e fonologia se encontram pareadas a semântica, pragmática e discurso na convencionalização construcional. No âmbito da LFCU, conforme Rosário e Oliveira (2016), consideramos que esse pareamento é consequente de mudanças construcionais em contextos específicos, como alterações ao nível do conteúdo ou da forma em um esquema; essas alterações podem chegar à construcionalização, ou seja, à formação de um novo nó de conteúdo e forma na língua, passando a constituir membro paradigmático.

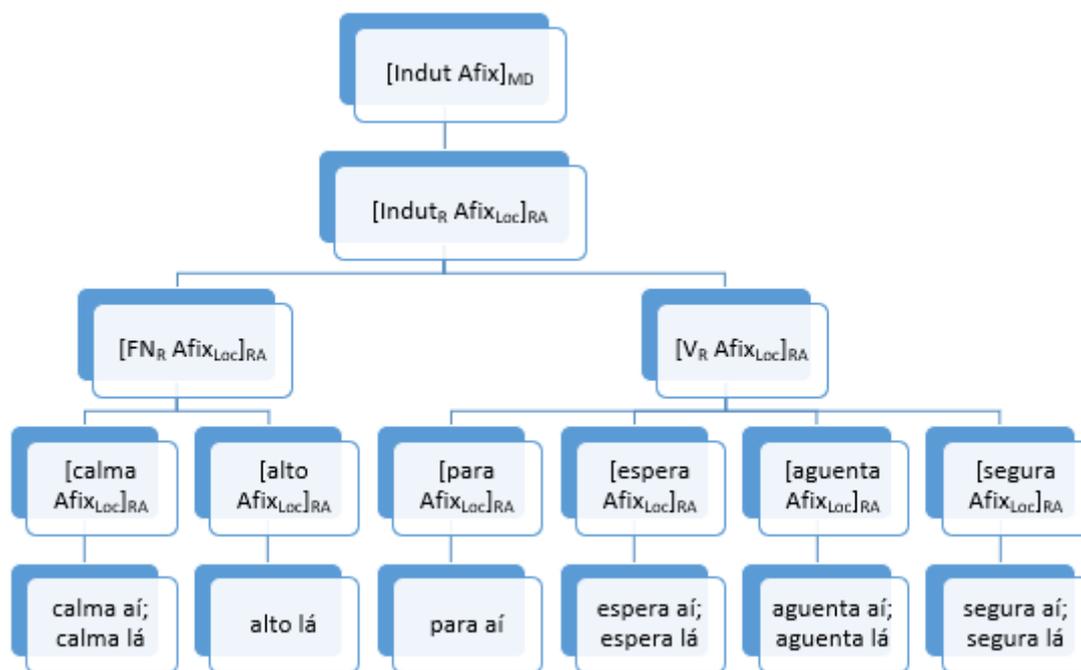
Ainda conforme os mesmos autores, na pesquisa das construções de uma língua, três fatores devem ser considerados e tratados como gradientes: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A esquematicidade diz respeito ao grau de generalidade e virtualidade das propriedades de conteúdo e forma; a produtividade se refere à frequência com que uma construção é instanciada, é recrutada no uso linguístico; a composicionalidade, por fim, tem a ver com seu nível de previsibilidade, a partir das propriedades de cada uma das subpartes. Temos, portanto, construções mais ou menos esquemáticas, produtivas e composicionais.

Na LFCU, a língua é tomada como uma rede de construções, que se interconectam por relações de herança. Tais relações ocorrem em distintos níveis: vertical, horizontal e transversal. Verticalmente, conforme aponta Traugott (2008), podemos estabelecer a seguinte hierarquia: a) o nível da macroconstrução, tomado como o mais alto, esquemático e o menos composicional, com posições abertas, ou *slots*, a serem preenchidos nos níveis mais baixos; b) o nível da mesoconstrução, integrado por conjuntos de subfamílias, que conjuga posições abertas e outras mais delimitadas; c) o nível da microconstrução, formado pelos *types* específicos, em formações mais preenchidas⁸, que são instanciados no uso, via construtos. Ao aplicarmos a taxonomia de Traugott (2008) a nosso objeto

⁸ Ressaltamos que, de acordo com Traugott e Trousdale (2013, p. 147), microconstruções podem ser parcialmente esquemáticas.

de pesquisa, é possível chegarmos à seguinte hierarquização elaborada por Rosa (2019), em que se apresenta também o refinamento dos três níveis esquemáticos inicialmente referidos:

Figura 2: Rede construcional dos MD refreador-argumentativos no português do Brasil



Fonte: Rosa (2019, p. 196) Legenda: Indut: indutor; Afix: afixoide; MD: marcador discursivo; R: refreador; Loc: locativo; RA: refreador-argumentativo; FN: frase nominal; V: verbo.

A Figura 2 ilustra um recorte da rede construcional dos MD formados por elementos indutores e afixoides, a partir da macroconstrução $[IndutAfix]_{MD}$, com foco numa de suas famílias, a mesoconstrução $[Indut_R Afix_{Loc}]_{RA}$, de subfunção refreador-argumentativa, e seus desdobramentos. Essa subfamília, totalmente esquemática, se distribui, em nível mais baixo, em dois subgrupos: mesoconstrução de subnível II (segundo alinhamento horizontal de cima para baixo), mais abstrata e abrangente, e mesoconstrução de subnível I (terceiro alinhamento horizontal de cima para baixo), menos abstrata e mais delimitada no que se refere às categorias da subparte nuclear. Como podemos observar, a segmentação mesoconstrucional de subnível I proposta pela autora fundamenta-se na natureza do *slot* nuclear: se se trata de elemento nominal ou de elemento verbal. Em conformidade com o refinamento elaborado no nível mesoconstrucional, a Figura 2 também ilustra dois subgrupos microconstrucionais: o subnível II (quarto alinhamento horizontal de cima para baixo) com preenchimento da subparte nuclear, e o subnível I (quinto alinhamento horizontal de cima para baixo), menos abstrato e mais específico no que se refere a ambas as subpartes. Assim, o subnível microconstrucional I é especificado via os *types* *calma aí*, *calma lá*, *alto lá*, *para aí*, *espera aí*, *espera lá*, *aguenta aí*, *aguenta lá*, *segura aí* e *segura lá*. Em síntese, a Figura 2 evidencia os níveis hierárquicos de pareamento de conteúdo e

forma preconizados pela abordagem construcional, demonstrando como a rede dos MD de subfunção refreador-argumentativa se organiza na língua.

1.2. Conteúdo e forma na hierarquia construcional

Se levarmos em conta que construções constituem pareamentos simbólicos de conteúdo e forma e que esses pareamentos são hierarquizados na rede linguística, tal como ilustrado na Figura 2, então é preciso refinar esses eixos também em termos hierárquicos. Perguntamos, assim, como se define cada um dos eixos na macro, na meso e na microconstrução, chegando inclusive ao plano do construto, do uso efetivo da língua?

Em Rosa (2019), no Quadro 1, encontramos uma proposta capaz de responder a essa questão:

Quadro 1: Pareamento forma-conteúdo na hierarquia construcional e no uso linguístico

Hierarquia construcional	Pareamento	
	Forma	Conteúdo
Macroconstrução	estrutura abrangente	função
Mesoconstrução	estrutura delimitada	subfunção
Microconstrução	estrutura específica	significado
Construto	estrutura substancial	sentido

Fonte: Rosa (2019, p. 52)

De acordo com a autora, que toma como ponto de partida a proposta de Oliveira e Arena (2019), é possível relacionar forma e conteúdo à hierarquia construcional com base no postulado de Traugott (2008) e em seu refinamento ilustrado na Figura 2. Para tanto, Rosa (2019) postula que a estrutura abrangente e mais esquemática da macroconstrução [Indut Afix], formada por elemento indutor e afixoide, está relacionada à função maior de marcação discursiva (MD), tomada como plano de conteúdo mais amplo, correspondente a uma categoria paradigmática da língua, no nível pragmático-discursivo. Abaixo, são apontados dois níveis mesoconstrucionais: a) um representa uma subclasse com delimitação categórica tanto das subpartes estruturais nuclear (indutor-refreadora) e periférica (afixoide de origem locativa) quanto da subfunção construcional (marcação discursiva refreador-argumentativa); b) outro apresenta maior delimitação estrutural, com instanciação de subcategorias da subparte nuclear (frase nominal indutor-refreadora e verbo indutor-refreador), ainda vinculada à subfunção refreador-argumentativa. Em níveis mais baixos, se encontram as microconstruções,

correspondentes a estruturas semiespecíficas e específicas, portadoras de significado⁹, essas últimas correspondem a membros individuais do paradigma. Por fim, no nível do uso, da instanciação construcional, temos o efetivo sentido instaurado, que se especifica no construto como estrutura substancial, a partir das relações contextuais, no nível intra e extralinguístico, configuradas em cada interação. No fragmento a seguir, ilustramos a proposta de refinamento aqui referida:

(1) *O Sr. José Luís Escanhoela – [...] Os municípios têm muita dificuldade em obter, por falta de informações, de obter recursos de como fazer. Então, quando se tem um escritório que faça isso, ou pessoas especializadas para isso, eles se socorrem deles. Porque há dificuldade de vir um prefeito à Brasília, pedir a um Deputado ou coisa assim; é muito difícil. O Sr. Itamar Franco - Não. **Espera aí.** V. S^a. diz que nunca veio à Brasília. Então, qual é a dificuldade? O escritório de V. S^a. nunca veio à Brasília; tinha aqui apenas um intermediador; uma hora era o Dr. Paulo, outra hora foi o Dr. Boni?* (Diário do Senado Federal, 15 dez. 1988).

Aplicada a taxonomia sintetizada no Quadro 1 ao construto destacado no fragmento (1), podemos analisar **espera aí** em termos de forma e conteúdo, de acordo com a hierarquia esquemática de que faz parte. Em relação à forma, esse MD é uma estrutura substancial, um *type* que integra a estrutura abrangente [Indut Afix]_{MD}, a estrutura delimitada, da mesoconstrução [Indut_R Afix_{Loc}]_{RA}, e a estrutura ainda mais específica, da microconstrução [V_R Afix_{Loc}]_{RA}. Acerca do conteúdo, interpretamos **espera aí** como: a) membro da classe dos MD do português; b) portador de significado específico de conter a proposição do interlocutor no discurso e sinalizar a alegação do locutor; c) instância de uso cujo sentido específico é o de marcar o posicionamento e a refutação de Itamar Franco à proposição de José Luiz Escanhoela, numa situação de interação simétrica, em contexto de debate político.

1.3. Não sinonímia e competição pelo uso

No Funcionalismo, área de pesquisa que nos orienta, devemos levar em conta que, no uso linguístico, há competição entre constituintes pela expressão de significado, ou seja, há variabilidade, como se encontra em Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2018). Já na fase inicial dos estudos funcionalistas, Hopper (1991) contempla essa assunção, ao listar, entre os fenômenos que marcam as etapas iniciais da mudança gramatical, o princípio de *camadas* (*layering*). De acordo com o autor, numa mesma sincronia, coexistem formas que, embora não sinônimas, passam a competir pelo uso devido à similaridade de significado que articulam, constituindo-se como alternativas de expressão

⁹ Como destacam Oliveira e Arena (2019) e Rosa (2019), a opção por nomear de *significado* o eixo do conteúdo no nível microconstrucional se justifica pela relativa correspondência estabelecida entre esse nível e o signo linguístico saussuriano, com base na correlação clássica *significante x significado*.

na comunidade linguística. Tal coexistência é resultante do encontro de trajetórias de polissemia e de rotas de mudança linguística cumpridas por elementos distintos. A eleição de uma ou outra forma é motivada por propriedades estruturais, pragmático-discursivas ou cognitivas que marcam cada interação especificamente.

Na abordagem construcional da gramática, viés incorporado à pesquisa no âmbito da LFCU, um dos princípios basilares é o da não sinonímia. De acordo com Goldberg (1995), à luz desse pressuposto, se uma construção é sintaticamente distinta de outra(s), também deve ser semântica ou pragmaticamente distinta. Se assumimos que a construção é um pareamento convencionalizado de forma e conteúdo, que o significado construcional não se resume à soma do significado das subpartes, então, de fato, não há lugar para sinonímia nessa abordagem. Destacamos, porém, que o referido princípio não leva em conta hierarquia construcional, não considera níveis gradientes como os especificados na Figura 2 e no Quadro 1, que assumimos como contribuição da LFCU ao aparato construcional cognitivista adotado.

Como Oliveira (2018), podemos relacionar o princípio da não sinonímia construcional ao princípio de camadas, distinguindo, de partida, o que é competição dentro de um esquema construcional, entre os *types* específicos, que partilham significados similares por integrarem o mesmo modelo virtual, como apresentamos na Figura 2, e o que é competição entre *types* de esquemas distintos, porém integrantes de um mesmo domínio funcional. De acordo com a autora,

é preciso destacar e identificar o que é competição interna, relativa à hierarquia construcional, e competição externa, quando, via mudança linguística, o novo nó, ou microconstrução, passa a integrar outros domínios funcionais, em outra(s) categoria(s) gramaticais da rede. (OLIVEIRA, 2018, p. 132).

Estando, assim, a nova microconstrução suscetível à variabilidade com outras microconstruções pertinentes a esquemas diferentes, mas vinculados àquele mesmo domínio funcional de que passa a ser parte integrante. Neste artigo, nosso foco é o que a autora nomeia como *competição interna*, ou seja, as alternativas pela instanciação numa mesma macroconstrução. Nesse sentido, voltando à Figura 2, interessa-nos analisar como se processa e interpreta a variabilidade entre as dez microconstruções listadas: *calma aí*, *calma lá*, *alto lá*, *para aí*, *espera aí*, *espera lá*, *aguenta aí*, *aguenta lá*, *segura aí* e *segura lá*. Esses *types* integram a macroconstrução [Indut Afix]_{MD}, portanto, partilham as propriedades de forma e conteúdo nesse nível abrangente com as demais do esquema; fazem parte

da mesoconstrução $[\text{Indut}_R \text{Afix}_{\text{Loc}}]_{\text{RA}}$, apresentando subfunção refreador-argumentativa; de forma mais definida ainda, constituem microconstruções, com significado mais preciso, que, por sua vez, instanciadas no uso, articulam sentidos contextuais.

Para ilustrarmos a competição interna referida, apresentamos, no fragmento (2), o construto *peralá*¹⁰, instanciação de *type* pertencente à mesoconstrução $[\text{Indut}_R \text{Afix}_{\text{Loc}}]_{\text{RA}}$:

(2) *Em toda a preocupação instrumental dos Mutantes, evidentemente, não havia lugar para uma cantora. Muito menos para uma que, no máximo, contribuía para o suporte sonoro tocando um pandeiro furado. Para Rita, restava a pantomina: mostrar as perninhas, fazer careta, balançar as cadeiras. “Eu não aguentei”, desabafa. “Chegou uma hora em que eu disse: ‘Mas **peralá** senhor diretor, eu também tenho talento’.”* (Revista Veja, 1979).

Comparados os fragmentos (1) e (2), com foco nos elementos destacados e nas relações contextuais que os emolduram, observamos que há motivações específicas para a seleção de cada uma das microconstruções instanciadas. Em (2), *peralá* é empregado por uma “performer”, em ambiente artístico, de modo informal. A própria estrutura morfofonêmica, apresentando aférese e justaposição, contribui para a identificação da informalidade contextual, bastante diversa da conjuntura observada no fragmento (1). Embora o conteúdo construcional não seja o somatório de significado de cada subparte, algumas características das subpartes podem contribuir para o conteúdo semântico-pragmático da construção. O afixoide *lá*, por exemplo, derivado de locativo de granulidade vasta (cf. BATORÉO, 2000), imprime menos apontamento para o discurso, o que condiz com a análise de que, em (2), o construto é usado para refutar uma proposição implícita, não declarada, decodificada a partir de ações do diretor, de que Rita Lee não tinha talento suficiente para ocupar o posto de cantora. Diferentemente, em (1), é apresentada uma proposição textual, o que propicia uma refutação mais direcionada, favorecendo o uso de *espera aí*, cujo afixoide deriva de locativo de granulidade fina ou estreita (cf. BATORÉO, 2000), correspondente a um ponto específico. Como observamos, a competição pelo uso de *types* como *espera aí* e *peralá*, a partir da ilustração de (1) e (2), é orientada e tem sua definição a partir do que se instaura na interação. O sentido advém da associação entre o conteúdo e o formato construcionais, acrescido do efeito das propriedades contextuais decorrentes do uso linguístico. É nessa perspectiva que procedemos à análise de nosso objeto de pesquisa.

10 No nível microconstrucional, consideramos diferentes morfossintaxes na grafia, por exemplo, *espera lá*, *pera lá* e *peralá*, como representantes da mesma microconstrução. No entanto, no nível do construto, assumimos que diferenciações morfossintáticas implicam particularização de conteúdo (sentido).

Conforme postulam Diewald e Smirnova (2012), consideramos as dez microconstruções da Figura 2 como membros de um mesmo paradigma, o dos MD refreador-argumentativos do português. Uma vez integrantes dessa categoria, tais elementos passam a constituir escolhas dentro do conjunto, com base em traços comuns partilhados e, de outra parte, traços específicos que os distinguem na mesma categoria. Nesse sentido, os MD que analisamos, membros da mesma macroconstrução e da mesma mesoconstrução, competem pelo uso; sua seleção e instanciação é motivada pelas condições contextuais em jogo na interação

2. Metodologia

Nesta seção, expomos os procedimentos de análise da competição interna na hierarquia construcional dos marcadores discursivos refreador-argumentativos no português do Brasil, em caráter, sobretudo, qualitativo. Os dados analisados são provenientes dos seguintes *corpora*: *Corpus do Português* e *Corpus Tycho Brahe* (textos do século XIII ao XX), *Diário do Congresso Nacional* (publicações dos séculos XX e XXI), além de algumas publicações de *sites* da Web.

Tal como em Rosa (2019), assumimos a nomenclatura forma-conteúdo para definir a relação biunívoca na construção. Para a análise dessa relação, conforme apresentado na fundamentação teórica, adaptamos o modelo de representação construcional de Croft (2001), em que são associadas propriedades da forma: sintática, morfológica e fonológica, e do conteúdo: semântico, pragmático e discursivo. No quadro a seguir, relatamos os critérios utilizados para a descrição sintética de cada uma dessas propriedades. Embora Traugott e Trousdale (2013) tratem do nível de preenchimento dos esquemas construcionais a partir da propriedade da forma fonológica, consideramos ser um atributo misto, morfofonêmico, levando em conta as produções comunicativas orais e escritas. Por termos lidado exclusivamente com material gráfico em nossas análises, realizamos os apontamentos sobre nível de preenchimento de esquemas relacionados à propriedade morfológica. Tais escolhas contribuem para as investigações linguísticas mais minuciosas, contudo, não se pode perder de vista as fortes vinculações existentes entre as propriedades apresentadas:

Quadro 2: Critérios de análise das propriedades de forma e conteúdo das construções

FORMA	Sintática (morfossintática)	Apontamento das relações de contiguidade ou não entre elementos (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 13): - atômica: elemento individualizado sem relação de contiguidade; - complexa: elementos individualizados com relação de contiguidade; - intermediária: elementos justapostos ou aglutinados.
	Morfológica (morfofonêmica)	Especificação do nível de preenchimento dos esquemas (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 13): - substancial (preenchida); - esquemática; - parcialmente esquemática. Destaque de formas reduzidas por aférese, crase etc.
	Fonológica	Indicação da quantidade de vocábulos fonológicos, segundo Câmara Jr (1985). Para apresentar tal análise, nos valemos do Alfabeto Fonético Internacional, com base na variedade do português falado no Rio de Janeiro.
CONTEÚDO	Semântico (semântico-pragmático)	Referência ao significado, no nível microconstrucional, e/ou ao sentido, no nível do construto. Também pode ser sinteticamente expresso pela subfunção mesoconstrucional.
	Pragmático (pragmático-discursivo)	Alusão à relação entre os entes envolvidos no evento discursivo interativo.
	Discursivo	Descrição do modo de organização discursiva, também relacionado ao gênero textual, com base em Charaudeau (1992), a serviço da função macroconstrucional.

Fonte: Rosa (2019).

Para o estudo do princípio da não sinonímia, tomamos como ponto de partida a definição de Goldberg (1995): se uma construção é sintaticamente distinta de outra(s), também deve ser semântica ou pragmaticamente distinta. Os marcadores discursivos refreador-argumentativos aqui em avaliação apresentam distinção morfossintática, portanto, procedemos à verificação comparativa entre tais elementos em competição levando em conta as propriedades de conteúdo, conforme detalhamento do quadro anterior. Além disso, para orientar os encaminhamentos do estudo, adotamos a seguinte definição de *sinonímia perfeita*: a correspondência total ou sinonímia perfeita entre duas ou mais construções dar-se-ia se, e somente se, houvesse equivalência integral entre todas as propriedades de conteúdo (semântico, pragmático e discursivo) no nível do construto, isto é, do uso efetivo.

Como neste artigo tratamos da competição interna, nos termos de Oliveira (2018), na hierarquia construcional dos marcadores discursivos refreador-argumentativos, é preciso atentar para a disposição e as características com que se configuram os níveis dessa construção. Conforme exposto na Figura 2, anteriormente apresentada, e no Quadro 3, adiante, temos trabalhado em nossas pesquisas

com os seguintes níveis, ordenados do mais concreto para o mais abstrato: nível do construto; nível microconstrucional de subnível I; nível microconstrucional de subnível II; nível mesoconstrucional de subnível I; nível mesoconstrucional de subnível II e nível macroconstrucional. No quadro a seguir, detalhamos a relação do pareamento forma-conteúdo com cada um dos níveis mencionados da construção marcadora discursiva refreador-argumentativa.

Quadro 3: Pareamento forma-conteúdo na hierarquia construcional dos MD RA

Hierarquia construcional	Representação do pareamento		Características distintivas
	Forma [núcleo <---> periférico]	Conteúdo [] _{Conteúdo}	
Macroconstrução	Estrutura abrangente: [Indut Afix]	(Macro)Função: marcação discursiva [] _{MD}	Macroclasse que pode instanciar outras subclasses
Mesoconstrução subnível II	Estrutura delimitada: [Indut _R Afix _{Loc}]	Subfunção: refreadamento argumentativo [] _{RA}	Subclasse com delimitação categórica das subpartes nuclear e periférica e da subfunção
Mesoconstrução subnível I	Estrutura mais delimitada: [FN _R Afix _{Loc}]; [V _R Afix _{Loc}]	Subfunção: refreadamento argumentativo [] _{RA}	Subclasse com delimitação de subcategorias da subparte nuclear
Microconstrução subnível II	Estrutura semiespecífica: [alto Afix _{Loc}]; [calma Afix _{Loc}]; [espera Afix _{Loc}]; [segura Afix _{Loc}]; [aguenta Afix _{Loc}]; [para Afix _{Loc}]	Significado: contenção da proposição no discurso, sinalizando a alegação [] _{RA}	Instanciação parcial, virtual, com especificações das subpartes nucleares. Seu significado representa a definição da subfunção RA
Microconstrução subnível I	Estrutura mais específica: [alto lá], [calma aí], [calma lá], [espera aí], [espera lá], [segura aí], [segura lá], [aguenta aí], [aguenta lá]; [para aí]	Significado: contenção da proposição no discurso, sinalizando a alegação [] _{RA}	Instanciação total, virtual, dos níveis anteriores.
Construto	Estrutura substancial: instanciações das microconstruções anteriores no uso efetivo	Sentido: flagrado em cada instância de uso	Instanciação total, concreta, dos níveis anteriores. O sentido é construído por particularidades contextuais do significado microconstrucional

Fonte: elaboração própria, baseada em Rosa (2019).

As análises da seção seguinte dão conta dos três níveis mais baixos anteriormente apresentados: nível do construto; nível microconstrucional de subnível I; nível microconstrucional de subnível II. Essa ordenação dos níveis e subníveis se dá de baixo para cima, em conformidade com os postulados da LFCU, que primam pela análise do uso efetivo da língua. No entanto, aqui, neste artigo, optamos por realizar as análises em ordem decrescente (do mais abstrato para o mais concreto), justamente no

intuito de demonstrar, de modo mais didático, a importância da investigação no nível do construto no que se refere à competição e ao princípio da não sinonímia em perspectiva construcionalista.

Consideramos também como bases de análise para a competição interna da construção as características referentes à esquematicidade, produtividade *type* e *token* e composicionalidade de cada nível hierárquico, assumindo, assim como propõe Oliveira (2018), um viés mais holístico e compatível com a dimensão construcional tratada pela LFCU. Antepusemos a indicação das propriedades de conteúdo do nível construcional à análise da composicionalidade para dar suporte à verificação dessa última. Na próxima seção, procedemos ao exame dos três níveis construcionais supramencionados.

3. Análise de dados

Nesta seção, realizamos um estudo em três etapas sobre a competição entre os elementos integrantes de cada um dos níveis mais baixos da hierarquia construcional dos marcadores discursivos refreador-argumentativos. Para o cumprimento desse propósito, subdividimos a seção da seguinte forma: 3.1 Competição em nível microconstrucional de subnível II; 3.2 Competição em nível microconstrucional de subnível I; 3.3 Competição no nível do construto.

3.1. Competição em nível microconstrucional de subnível II

O nível microconstrucional, embora apresente maior especificidade estrutural e de conteúdo do que os níveis de meso e macroconstrução, ainda representa uma abstração na hierarquia construcional. Essa representação virtual partilha características vinculadas à mesoconstrução refreador-argumentativa, delimitadora do paradigma maior dos marcadores discursivos. No que se refere especialmente ao nível microconstrucional de subnível II, podemos observar estruturas semiespecíficas, formadas por subpartes nucleares indutor-refreadoras preenchidas, sejam por verbos ou frases nominais, e subpartes periféricas esquemáticas, com *slots* a serem preenchidos por afixoides de origem locativa. Quanto ao significado, todas são aptas a exprimir “contenção da proposição do interlocutor no discurso, sinalizando a alegação do locutor”. As microconstruções de subnível II podem ser assim representadas: [alto Afix_{Loc}]_{RA}; [calma Afix_{Loc}]_{RA}; [espera Afix_{Loc}]_{RA}; [segura Afix_{Loc}]_{RA}; [aguenta Afix_{Loc}]_{RA}; [para Afix_{Loc}]_{RA}.

No estudo da competição no subnível II, procedemos à análise das suas características de esquematicidade, produtividade e composicionalidade e das suas propriedades de conteúdo.

- Esquematicidade: Todas as microconstruções de subnível II apresentam instanciação parcial, com especificações das subpartes nucleares (frases nominais indutor-refreadoras: *alto* e *cal-*

ma; verbos indutor-refreadores: *espera, segura, aguenta e para,*) e *slots*, nas subpartes periféricas, para afixoides de origem locativa. A representação esquemática dessas microconstruções pode ser observada na primeira linha do Quadro 4, na próxima seção.

- Produtividade (frequência *type*): O nível em foco apresenta seis microconstruções parcialmente esquemáticas. Considerando que o *slot* $Afix_{Loc}$ é, comumente, passível de ser preenchido pelos afixoides *ai* e *lá*, em tese, cada uma dessas microconstruções, poderia, igualmente, instanciar duas microconstruções totalmente preenchidas. No entanto, conforme se verifica na seção seguinte, $[calma Afix_{Loc}]_{RA}$; $[espera Afix_{Loc}]_{RA}$; $[segura Afix_{Loc}]_{RA}$ e $[aguenta Afix_{Loc}]_{RA}$ instanciam, cada uma, duas microconstruções preenchidas, ao passo que $[alto Afix_{Loc}]_{RA}$ e $[para Afix_{Loc}]_{RA}$ instanciam apenas uma microconstrução preenchida.
- Conteúdo (significado): O significado de cada uma das microconstruções desse nível representa a definição da subfunção refreador-argumentativa (que nomeia a subclasse MD RA): contenção da proposição do interlocutor no discurso, sinalizando a alegação do locutor. O desmembramento do conteúdo semântico, pragmático e discursivo das microconstruções em foco encontra-se no Quadro 4, na próxima seção.
- Composicionalidade: Todas as microconstruções são consideradas não composicionais, pois a soma dos significados de cada subparte, uma preenchida e outra esquemática, não dá conta do conteúdo global da construção, apontado anteriormente.

No nível microconstrucional de subnível II, portanto, verificamos haver, maior produtividade *type* de $[calma Afix_{Loc}]_{RA}$; $[espera Afix_{Loc}]_{RA}$; $[segura Afix_{Loc}]_{RA}$ e $[aguenta Afix_{Loc}]_{RA}$ e compatibilidade entre as seis microconstruções parcialmente esquemáticas, no que se refere às análises de suas características de esquematicidade, composicionalidade e propriedades de conteúdo construcional. No entanto, é mister ressaltar que se trata de ambiência de virtualidade e abstração, o que nos conduz a concluir que as microconstruções desse subnível apresentam uma espécie de *sinonímia virtual* ou *potencial*. Na subseção seguinte, tratamos do nível microconstrucional de subnível I.

3.2. Competição em nível microconstrucional de subnível I

No primeiro subnível microconstrucional, observamos estruturas específicas, formadas por subpartes nucleares preenchidas por verbos indutor-refreadores ou frases nominais indutor-refreadoras, e subpartes periféricas preenchidas por afixoides de origem locativa. Referente ao significado, todas exprimem virtualmente “contenção da proposição do interlocutor no discurso, sinalizando a alegação do locutor”. As microconstruções de subnível I no português brasileiro, correspondentes aos construtos encontrados no *corpus*, são assim representadas: $[alto lá]_{RA}$; $[calma aí]_{RA}$; $[calma lá]_{RA}$; $[espera aí]_{RA}$; $[espera lá]_{RA}$; $[segura aí]_{RA}$; $[segura lá]_{RA}$; $[aguenta aí]_{RA}$; $[aguenta lá]_{RA}$; $[para aí]_{RA}$.

Assim como no subnível II, no estudo da competição no subnível I, também procedemos à análise das suas características de esquematicidade, produtividade e composicionalidade e das suas propriedades de conteúdo.

- Esquematicidade: Todas as microconstruções de subnível I são totalmente preenchidas, com especificações das subpartes nucleares (frases nominais indutor-refreadoras: *alto* e *calma*; verbos indutor-refreadores: *espera*, *segura*, *aguenta* e *para*.) e especificações das subpartes periféricas (afixoides de origem locativa: *aí* e *lá*). A representação esquemática dessas microconstruções pode ser observada na indicação da forma sintática, na segunda linha do Quadro 4 adiante.
- Produtividade (frequência *type*): Esse nível apresenta 10 microconstruções preenchidas, sendo cada um destes quatro pares proveniente do mesmo nó: [calma *aí*]_{RA}/[calma *lá*]_{RA}; [espera *aí*]_{RA}/[espera *lá*]_{RA}; [segura *aí*]_{RA}/[segura *lá*]_{RA}; [aguenta *aí*]_{RA}/[aguenta *lá*]_{RA} e duas isoladas, cada uma proveniente de nó distinto: [alto *lá*]_{RA} e [para *aí*]_{RA}, totalizando vinculação com seis nós do subnível acima.
- Conteúdo (significado): O significado de cada uma das microconstruções desse nível representa a definição da subfunção refreador-argumentativa (que nomeia a subclasse MD RA): contenção da proposição do interlocutor no discurso, sinalizando a alegação do locutor. O desmembramento do conteúdo semântico, pragmático e discursivo das microconstruções em foco encontra-se no Quadro 4 adiante.
- Composicionalidade: Todas as microconstruções são consideradas não composicionais, pois a soma do significado de cada subparte não equivale ao conteúdo global da construção, apontado anteriormente.

As microconstruções de subnível I, embora instanciem os construtos em uso efetivo na língua com sua mesma estrutura formal, ainda representam uma abstração, o que torna a análise do conteúdo microconstrucional menos pormenorizada do que aquela referente ao nível do construto. Contudo, para que se façam generalizações – e para os estudos linguísticos é muito necessário que sejam feitas – é preciso tomar como base essa virtualidade microconstrucional, de modo geral, relacionada ao conteúdo paradigmático de domínios funcionais. Em se tratando do objeto deste artigo, podemos afirmar que, por pertencerem ao paradigma dos marcadores discursivos refreador-argumentativos formados por elemento indutor e afixoide, ao menos em tese, essas microconstruções podem substituir umas às outras em determinado ponto da cadeia da fala exercendo a função MD RA. Para ilustrar essa afirmação, apresentamos a seguir um exemplo de fala virtual, entre interlocutores A e B, produzida artificialmente e especificamente para esta análise. Tendo em vista que os MD RA podem ocorrer em posição inicial, medial ou final da frase, mostramos três posicionamentos possíveis de sua ocorrência.

Teoricamente, todas as microconstruções dispostas em coluna apresentam correspondência funcional e podem, portanto, igualmente, ocupar uma das posições (1), (2) ou (3).

Figura 3: Exemplo de paradigmaticidade das microconstruções MD refreador-argumentativas

A:	<i>As suas atitudes inconsequentes levarão a empresa à falência.</i>		
	(1)	(2)	(3)
B:	<i>Alto lá!</i>	<i>Isso não é verdade.</i>	<i>Alto lá!</i>
		<i>Eu reflito muito antes de tomar qualquer decisão.</i>	<i>Alto lá!</i>
	<i>Calma aí!</i>	<i>Calma aí!</i>	<i>Calma aí!</i>
	<i>Calma lá!</i>	<i>Calma lá!</i>	<i>Calma lá!</i>
	<i>Espera aí!</i>	<i>Espera aí!</i>	<i>Espera aí!</i>
	<i>Espera lá!</i>	<i>Espera lá!</i>	<i>Espera lá!</i>
	<i>Segura aí!</i>	<i>Segura aí!</i>	<i>Segura aí!</i>
	<i>Segura lá!</i>	<i>Segura lá!</i>	<i>Segura lá!</i>
	<i>Aguenta aí!</i>	<i>Aguenta aí!</i>	<i>Aguenta aí!</i>
	<i>Aguenta lá!</i>	<i>Aguenta lá!</i>	<i>Aguenta lá!</i>
	<i>Para aí!</i>	<i>Para aí!</i>	<i>Para aí!</i>

Fonte: elaboração própria.

A relação paradigmática entre os elementos do subnível I, aqui tratados em perspectiva construcionalista e considerados ainda abstratos, corresponde, grosso modo, à relação de sinonímia tratada nas obras normativas da língua padrão, como gramáticas e dicionários. Por exemplo, no dicionário digital Caldas Aulete, *espere aí* é apresentado como sinônimo (por extensão de significado) de *alto lá*. No Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa (2001, p. 191), encontramos “*alto aí*, o mesmo que *alto* [...]; *alto lá*, o mesmo que *alto* [...]”, por conseguinte, *alto aí* e *alto lá* também são considerados sinônimos no português europeu. Ressaltamos que, neste trabalho, *alto aí* não está representado nas instanciações de $[alto \text{ Afix}_{Loc}]_{RA}$ por tratarmos do paradigma dos MD RA no português brasileiro, em que o termo não é usual e, portanto, não é encontrado no *corpus*.

Um dos principais fatores que possibilita a paradigmaticidade das microconstruções MD RA é a correspondência de conteúdo entre as mesmas. A propriedade de conteúdo dessas microconstruções

(com compatibilização dos subníveis I e II), segmentada em conteúdo semântico, pragmático e discursivo, pode ser observada no quadro a seguir:

Quadro 4: Comparação das propriedades de forma e conteúdo das microconstruções marcadoras discursivas refreador-argumentativas

		[alto Afix _{Loc}] _{RA}	[calma Afix _{Loc}] _{RA}	[espera Afix _{Loc}] _{RA}	[segura Afix _{Loc}] _{RA}	[aguenta Afix _{Loc}] _{RA}	[para Afix _{Loc}] _{RA}
Forma	S	complexa: [alto aí] _{RA} ; (PE) [alto lá] _{RA}	complexas: [calma aí] _{RA} [calma lá] _{RA}	complexa: [espera aí] _{RA} ; [espera lá] _{RA}	complexas: [segura aí] _{RA} ; [segura lá] _{RA}	complexa: [aguenta aí] _{RA} [aguenta lá] _{RA}	complexa: [para aí] _{RA}
	M	parcialmente esquemática: [alto Afix _{Loc}] _{RA} , instanciando <i>alto</i> <i>aí</i> ; <i>alto lá</i>	parcialmente esquemática: [calma Afix _{Loc}] _{RA} , instanciando calma <i>aí</i> e calma <i>lá</i>	parcialmente esquemática: [espera Afix _{Loc}] _{RA} , instanciando <i>espera aí</i> > <i>pera</i> <i>aí</i> (aférese) > <i>perai</i> (crase); <i>espera lá</i> > <i>peralá</i> (aférese e justaposição)	parcialmente esquemática: [segura Afix _{Loc}] _{RA} , instanciando <i>segura aí</i> , <i>segura</i> <i>lá</i>	parcialmente esquemática: [aguenta Afix _{Loc}] _{RA} , instanciando <i>aguenta aí</i> , <i>aguenta lá</i>	plena: <i>para aí</i>
	F	1 vocábulo fonológico: [awtwa'i]; [awtu'la]	1 vocábulo fonológico: [kawma'i]; [kawma'la]	1 vocábulo fonológico: [iʃpera'i]; [pera'i]; [iʃpera'la], [pera'la]	1 vocábulo fonológico: [sigura'i]; [sigura'la]	1 vocábulo fonológico: [agwêta'i]; [gwêta'la]	1 vocábulo fonológico: [para'i];
Conteúdo	S	contenção da proposição no discurso, acompanhando alegação	contenção da proposição no discurso, acompanhando alegação	contenção da proposição no discurso, acompanhando alegação	contenção da proposição no discurso, acompanhando alegação	contenção da proposição no discurso, acompanhando alegação	contenção da proposição no discurso, acompanhando alegação
	P	posicionamento crítico diante da proposição do interlocutor e sinalização a esse sobre a realização de alegação	posicionamento crítico diante da proposição do interlocutor e sinalização a esse sobre a realização de alegação	posicionamento crítico diante da proposição do interlocutor e sinalização a esse sobre a realização de alegação	posicionamento crítico diante da proposição do interlocutor e sinalização a esse sobre a realização de alegação	posicionamento crítico diante da proposição do interlocutor e sinalização a esse sobre a realização de alegação	posicionamento crítico diante da proposição do interlocutor e sinalização a esse sobre a realização de alegação
	D	marcação discursiva, em MOD argumentativo	marcação discursiva, em MOD argumentativo	marcação discursiva, em MOD argumentativo	marcação discursiva, em MOD argumentativo	marcação discursiva, em MOD argumentativo	marcação discursiva, em MOD argumentativo

Fonte: elaboração própria, baseada em Rosa (2019). Legenda: forma S: sintática; forma M: morfológica; forma F: fonológica; conteúdo S: semântico; conteúdo P: pragmático; conteúdo D: discursivo; MOD: Modo de organização discursiva.

A constatação da correspondência de conteúdo microconstrucional que possibilita a comutabilidade das formas aqui tratadas em função refreador-argumentativa poderia ser equivocadamente interpretada como *sinonímia perfeita*. No entanto, conforme definição apresentada na seção de metodologia, a sinonímia perfeita só pode ser aferida ou testada no nível do construto, por meio da análise de contextos de uso efetivo da língua. O nível microconstrucional de subnível

I, embora contenha elementos com estruturas totalmente preenchidas e mais facilmente vinculadas ao conteúdo construcional, ainda representa uma abstração. Trabalhar em tal nível de abstração não permite ao analista verificar as diferentes particularidades das conjunturas discursivas. Sendo assim, consideramos haver relação de *sinonímia aparente* ou *paradigmática* entre as microconstruções desse subnível.

3.3. Competição no nível do construto

Nesta subseção, apresentamos um breve estudo dos construtos cujas estruturas se equivalem àquelas pertinentes no nível microconstrucional de subnível I: *alto lá; calma aí, calma lá, espera aí, espera lá, segura aí, segura lá, aguenta aí, aguenta lá e para aí*. Sem pretensão de realizar exames exaustivos, fazemos alguns apontamentos, por nós assumidos como relevantes, acerca de um dado para cada construto em uso efetivo da língua.

(3) [...] *salvou galhardamente a vida das garras de uma onça e é motivo de sobra para que eu lhe seja eternamente agradecida, e creio que também para que o primo não abocanhe e não despreze assim um homem, que não lhe fez mal algum. - Nenhum mal.. eu sei. e também que me importa a mim esse homem. Ou por sim, ou por não, amanhã ou depois, logo que ele possa montar a cavalo, hei de levá-lo para minha casa, porque é nosso hóspede, e meu tio nenhuma obrigação tem de agüentá-lo. - Alto lá, primo! - atalhou Paulina com vivacidade; - menos essa.. temos muito mais obrigação do que o senhor, e havemos de agüentá-lo com muito prazer. Enquanto não sarar de todo, ele é nosso, e não arreda pé daqui. - Isso era bem belo. e a mulada dele que lá fica à toa.. não hei de ser eu que hei de tomar conta dela. (Corpus do Português: Histórias e tradições da província de Minas Gerais, de Bernardo Guimarães, 1872).*

No fragmento (3), o emprego do construto *alto lá* exprime o sentido de a) refrear a proposição enunciada pelo primo de Paulina: *logo que ele possa montar a cavalo, hei de levá-lo para minha casa, porque é nosso hóspede, e meu tio nenhuma obrigação tem de agüentá-lo*; b) introduzir a posição contrária de Paulina ao que foi dito: *menos essa*; c) sinalizar sua refutação: *temos muito mais obrigação do que o senhor, e havemos de agüentá-lo com muito prazer. Enquanto não sarar de todo, ele é nosso, e não arreda pé daqui*. Embora a subparte nuclear *alto* já não expresse referência ao mundo biossocial, e sim em vinculação ao afixoide *lá* exerça marcação discursiva, a origem militar do termo ainda imprime ao construto a ideia de comando realizada por uma autoridade. É provável que o emprego da expressão de intransigência do interlocutor *Ou por sim, ou por não [...] hei de levá-lo* tenha sido, em viés linguístico, um dos gatilhos para o uso de *alto lá* em refreamento argumentativo por parte de Paulina. Conforme explica Rosa (2019), o uso de *alto lá* no domínio discursivo é licenciado,

entre outros fatores, pela metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA (LAKOFF; JOHNSON, 2003). Desse modo, Paulina não só se vale da linguagem metafórica como também executa uma ação metaforicamente estruturada. Ela apropria-se da autoridade de um comandante para determinar a cessação da alegação do primo, munindo-se de uma espécie de patente habilitada pela detenção e convicção da verdade.

(4) *A Sra. Luiza Nagib Eluf – Onde é que está a anuência da vítima? [...] A Sra. Luiza Nagib Eluf – Eu acho que a vítima tem que concordar, porque... [...] -O Sr. Emanuel Messias Oliveira Cacho – Se o réu aceitou fazer o acordo, ele fez uma confissão de que ele praticou o crime. Se ele já fez isso e confessou, e a vítima impede o acordo, amigo, ele está assumindo a culpa antecipadamente e o juiz tem todo o fundamento para condená-lo. Você está entendendo agora? Se o Ministério Público chama e o réu aceita sentar, e ele diz: “Eu sou culpado”, ele confessou, vai depender de homologar isso para, depois, o juiz julgar, ele já tendo confessado? **Calma aí**, é um embuste. **Aí**, é um embuste. O Sr. Presidente (Luiz Carlos Gonçalves) – Entendi. Ô Luiza, eu acho que o Emanuel falou uma coisa muito... O Sr. Emanuel Messias Oliveira Cacho – É um embuste. Ofende a presunção de inocência. (Diário do Senado Federal – Suplemento B, 19 jun. 2012).*

(5) *O Sr. Flávio Croce Caetano Terceiro: Projeto de Lei nº 292/2013. [...]. E aí a Prof^a Silvia Pimentel e a Leila falaram muito bem: “Porque alguns dizem que não é o caso de se criar”. “Já temos muitos crimes”, e não sei o que mais, e “Se eu for criar contra a mulher, vou ter que começar a criar contra todo mundo”. **Calma lá**. Digam-me todos vocês: alguém me levante aqui uma situação em que o homem foi morto por ser homem; deem um exemplo! Não temos um exemplo; não temos. Agora, a mulher que é morta, que é violentada por ser mulher, posso dizer-lhes que, desses números de feminicídio, são quase todos. Nós temos casos simbólicos que ganharam repercussão nacional, recentes, e que mostram exatamente isso. É o caso da Eliza Samudio, que foi tão de perto aqui acompanhando pela SPM na campanha Compromisso e Atitude; [...] (Diário do Senado Federal – Suplemento, 17 out. 2014).*

Em ambos os fragmentos (4) e (5), os construtos *calma aí* e *calma lá* são empregados em refreamento argumentativo, marcando o posicionamento crítico do enunciador quanto à proposição do interlocutor e sinalizando a sua refutação. Nos dois contextos, os parlamentares envolvidos tratam de legislação. Interpretamos o emprego dos construtos *calma aí* e *calma lá* em argumentações que versam sobre mudança de lei como motivado. A extensa investigação das publicações do Diário do Congresso Nacional nos mostrou que tais tratativas se dão por meio de intervenções exaustivas, algumas aceleradas, outras prolixas, expressando a inquietação dos parlamentares em expor seus

pontos de vista. A frase nominal indutor-refreadora *calma*, empregada individualmente, exprime um pedido de serenidade dos ânimos, logo, seu uso é frequente em contextos como esse, de tantas opiniões cruzadas, muitas vezes em tom exacerbado. Embora o significado construcional não seja o somatório dos significados das subpartes, constatamos que tal contexto discursivo favorece o uso de construções compostas pelo termo. Em (4), o enunciador emprega o MD RA *calma aí* para refutar uma tese definida e textualmente especificada: é preciso que haja anuência da vítima sobre o acordo entre o réu e o Ministério Público para que aquela não se sinta injustiçada. Assim, o uso de um construto cuja subparte deriva de locativo de granularidade fina, conforme visto no exemplo (1) da Fundamentação teórica, tende a sinalizar uma refutação mais direcionada: não se pode depender da vítima para fechar acordo entre o réu e o Ministério Público, pois se o réu confessa o crime em prol de um acordo e a vítima impede esse acordo, o juiz terá fundamento para condená-lo em julgamento, o que constituiria uma armadilha para o réu. Diferentemente, em (5), o enunciador emprega o MD RA *calma lá* para refutar uma série de proposições, não muito bem definidas, contra a inserção do feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio: “*Porque alguns dizem que não é o caso de se criar*”. “*Já temos muitos crimes*”, e *não sei o que mais*, e “*Se eu for criar contra a mulher, vou ter que começar a criar contra todo mundo*”. Assim, o uso de um construto cuja subparte deriva de locativo de granularidade vasta tende a sinalizar uma refutação menos focada ou mais diversificada.

(6) - [...] *mas desde que esses meios de comunicação sejam po-li-ci-a-dos, policiados pelo governo e passem a divulgar coisas válidas, coisas boas, então é muito válido.- ah até onde todo policiamento não seria uma violência? - então você diria você então vai achar que que a liberdade absoluta é que é desejável? – não, pelo contrário, se eu tô me queixando de que, de que... - ah o excesso de liberdade no mundo tá provocando provocando a difusão de tudo que não presta. - **perai** isso não é verdade, isso é besteira, isso é besteira. - não, não sei de nada. Me perguntando tudo é válido sim, não é válido nada, sobretudo a violência. Violência é você fazer comunicar aquilo que não presta. «Olho para o mundo e por isso - isso aí é que é violência - cada vez me sinto mais solitário e aflito «. - não, eu cada vez acredito mais. - não sei não sei pra onde é que nós vamos. (Corpus do Português: Linguagem Falada, Recife: 5).*

(7) *INF1 A cagarra. INF2 (...) INQ1 A cagarra é uma de noite, voa de noite. INF1 Não. A cagarra é de dia. A cagarra voa de dia. INQ1 Não, mas no mar. INF2 (..) INF1 (..) INF2 Tem umas patas assim grandes. INF1 A cagarra onde é que vai ver o peixe é de dia, não é de noite. INQ2 Sim senhora. INQ1 É de dia. Mas é uma que faz pa-pa-pa de noite. INQ2 A cagarra não é a mesma coisa. INQ1 **Espera lá**. INF2 A de noite não é esta. INF3 Gorguja. INQ1 Não... INQ2 A cagarra cá não é a mesma coisa. INF3 A gorguja é que é de noite. INF1 A cagarra é tudo à mesma. (...) Ela é que*

faz.. Para ver o peixe é de dia. INF3 A cagarra, a cagarra procura. A gorguja, a gorguja é de noite. INQ2 Desculpe, diga-me só uma coisa, esses que estão a voar ali por cima, são o quê? (Corpus do Português: Cordial: CLC05).

Nos fragmentos (6) e (7), *perai* e *espera lá* são empregados em refreamento argumentativo. Em ambos os trechos, os enunciadores usam os construtos para conter a proposição alheia, demonstrando seu posicionamento sobre o que foi dito, no entanto, não se verifica o desenvolvimento da alegação. Essa quebra da sequência dos mecanismos argumentativos pode ocorrer por se tratar de situação comunicativa não espontânea, e, sim conduzida por profissionais que intencionam a formação de *corpora* de pesquisa. Nesse contexto, todos os participantes são provocados a falar, o que pode ocasionar atropelos entre as enunciações, desconforto para desenvolver o tema proposto, entre outras questões. No fragmento (1), apresentado na Fundamentação teórica, observamos que a alegação introduzida por *espera aí* é feita por meio de pergunta retórica e outra efetiva. As perguntas retóricas, de modo geral, são usadas como estratégia de persuasão argumentativa, contudo a realização de perguntas efetivas em meio à argumentação confere à refutação um caráter menos afirmativo, se comparada a refutações mais assertivas, como aquela expressa em (3), por exemplo, por meio do uso de *alto lá*. No fragmento (2), como dito na Fundamentação, verificamos que o uso de *peralá* é dirigido a uma proposição implícita, isto é, inferida pela enunciativa. Nos trechos (1), (2), (6) e (7), portanto, verificamos refutações menos assertivas, reportadas a proposições implícitas e até mesmo ausência de refutação. Essa menor sofisticação no uso dos elementos do mecanismo argumentativo pode estar relacionada ao fato de que os construtos *espera aí*, *espera lá* e aqueles estruturalmente deles derivados são mais frequentemente empregados para a marcação discursiva refreador-enunciativa (RE) (cf. ROSA, 2019), em que se praticam acionamentos cognitivos menos complexos, tais como (i) recordar-se de informações armazenadas na memória; (ii) refletir e formular resposta ou comentário; (iii) retificar o que foi dito anteriormente; (iv) redirecionar o tópico e (v) (re)tomar o turno.

(8) *Serginho_Jec: Castija, esse time do Avaí não é ruim não. Arturzinho daria jeito. Fez até o Ronaldo Capixaba jogar bola, coisa que o ovelha não consegue. Agora fiquei bem convicto que a final será JEC x Figueira, até porque o Criciúma ganhar do Marcílio, Brusque, Camboriú e Madureira não prova nada só timeco. Urubiciense Alvinegro Serrano: Serginho_Jec, segura aí meu irmão, o cricri, ganhar do Marcílio, Brusque, Camburiú, tudo bem, agora, do Madureira, que é o time aqui de Urubici, o amigo pegou pesado, porque se perder para este timéco do cricri, seria mais vergonhoso, do que o bvai perder para o nosso Camburiú, tais me entendendo, gente boa. Até a final do catarinense, e não quero ver o amigo chorando, reclamando, e dizendo que foi o árbitro que ajudou o maior de todos, falei, seu extopor. (Blog do Castiel, 2012. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/>*

castiel/2012/03/24/o-criciuma-e-tigre-o-avai-nao-e-leao-e-ovelha/?topo=67,2,18,,67. Acesso em: 19 abr. 2019).

(9) *Mas eu quero dizer que acho que cada tema aqui mereceria uma audiência especial. [...] Pela situação da gente estar sendo chamado na Comissão ao lado, no Gabinete, porque pessoas nos exigem a nossa presença. Então eu quero fazer esse registro. Na realidade, me estendi tanto com tantos comentários sobre cada convidado aqui, mas basicamente pela importância do evento, e por elementar que o Executivo não esteja aqui. Porque, seguramente, daqui a pouco mais vão surgir Projetos que atendam minimamente a expectativa de cada setor que está convidado aqui, e quando for debatido nas Comissões Técnicas Especializadas, então vem esse segmento dizer – “Olha, **segura lá**, coloca uma Emenda aqui para ver se não provoca um impacto econômico tão forte e coisas do gênero” quando já poderia se estar sendo discutido aqui agora com a presença dos setores representados. (Diário do Senado Federal – suplemento, 2 Set. 2006).*

Nos trechos (8) e (9), os construtos *segura aí* e *segura lá* são empregados para conter a proposição do interlocutor e sinalizar a alegação do enunciador, que em ambos os casos se trata de ponderação. Em (8), a situação comunicativa, por meio de um blog, gira em torno de tema esportivo, em linguagem bastante informal. Em (9), o enunciador reproduz uma fala hipotética em que busca dar certo ar de informalidade, marcada pelo emprego dos marcadores discursivos *olha* e *segura lá*. Sendo assim, observa-se tendência no uso desses construtos na sinalização de ponderações em discussões com algum grau de informalidade, maior ou menor a depender do âmbito de comunicação. Em relação às distinções, em (8), verificamos que a composição do construto pela subparte periférica *aí*, derivada de locativo de granularidade fina, coincide com a presença de proposição textualmente explícita. Por outro lado, em (9), o uso do construto *segura lá*, em que a subparte periférica deriva de locativo de granularidade vasta, volta-se para uma proposição hipotética, de interlocutores virtuais. A expressão *e coisas do gênero*, ao fim da ponderação, também corrobora a ideia de alegação menos focalizada.

(10) *Sr. Waldemir Freire Cardoso: O Presidente me disse o seguinte: “Eu já escolhi o Diretor Adjunto”. Presidente, o Diretor Adjunto nos CORREIOS, EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS, ele faz coisas em nome do titular. Então, se eu me ausento para um evento ele pode estar assinado coisas... Então essa pessoa tem que ser da íntima confiança e eu jamais escolheria uma pessoa que não fosse qualificada em condições. Foi escolhido então para essa função o ex-adjunto de Santa Catarina, Dr. Celso. [...]. E logo ao chegar no Rio de Janeiro, Dr. Celso começou a demonstrar que ele tinha uma linha de procedimentos diferente da minha. Ele, por exemplo, me telefonou em Belém, dizendo: “Olha. Eu vou reunir aqui a gerência e vou tomar”... Celso, **agüenta aí**. Eu sou*

Diretor Regional. Eu fui designado Diretor Regional. Então, eu gostaria que você aguardasse porque nós temos que traçar um plano de trabalho conjunto. (Diário do Senado Federal - suplemento, 18 jul. 2006).

(11) *Homem compra iPhone 4S em site da Apple e recebe pedra, no Amazonas. Uria: Pra mim chegou tudo rapidinho, sem problema algum. Acho que isso é ATT Whore. Wolverine: **Guenta lá** ne Uria. O cara já pagou o dobro do preço e ainda recebe uma pedra? Não é pq com vc deu certo que com ele não pode dar errado. De qualquer modo é bom pra aprender a comprar direito, ahauhauahauhau. (Portal Adrenaline, 19 mar. 2012. Disponível em: <https://adrenaline.uol.com.br/forum/threads/homem-compra-iphone-4s-em-site-da-apple-e-recebe-pedra-no-amazonas.390021/>. Acesso em: 11 jun. 2016).*

Nos exemplos (10) e (11), os construtos **aguenta aí** e **guenta lá** são empregados em refreamento argumentativo. No fragmento (10), o enunciador usa o MD RA para conter a proposição do seu interlocutor, textualmente representada, e apresentar sua ponderação sobre o que foi dito. Nesse trecho, constatamos marcas de maior formalidade linguística, coesão textual e polidez. Em (11), a aférese em **guenta lá**, frequente na língua falada, marca a informalidade do contexto comunicativo, diferente do que ocorre no fragmento anterior. Além disso, a proposição apresentada pela interlocutora *Pra mim chegou tudo rapidinho, sem problema algum. Acho que isso é ATT Whore* carece de elementos explícitos de coesão, mas que são inferidos com sucesso pelo enunciador. A interlocutora apresenta o seguinte raciocínio lógico propositivo: se eu consegui realizar a compra do iPhone pela internet com sucesso, então, todos conseguirão, logo, a história da pedra que chegou no lugar do aparelho é uma farsa para que o protagonista se torne um foco de atenção social. Apesar de a proposição ser textualmente explícita, a sua composição reduzida, ou não desenvolvida, pode motivar o uso de construto composto por afixoide derivado de locativo de granularidade vasta. Por conseguinte, a refutação apresentada pelo enunciador por meio de pergunta retórica e axioma também é menos assertiva.

(12) *José Medeiros (Bloco Parlamentar Democracia Progressista /PSD – MT.): [...]O cacique falou: “Eu não quero mais terra, eu já tenho 30 mil hectares de terra aqui. Eu quero uma ponte para que eu possa receber turistas! Eu quero poder ir á cidade! Eu quero poder produzir, eu quero poder vender também soja, eu quero ser plantador, eu quero aprender. Nós já estamos aculturados. Agora, nós nos aculturamos... Manter as nossas tradições nós conseguimos manter. Essa história de dizer que o progresso... Quando veio luz para a aldeia, disseram que ia acabar com a nossa cultura. Agora, estão dizendo que as estradas vão acabar com a nossa cultura. Mas **para aí**: não existe cultura sem*

índio vivo”. Esse é o grande debate que tem que ser feito em relação aos indígenas [...].

(Congresso Nacional: Diário do Senado Federal, 25 abr. 2017).

No fragmento (12), numa enunciação recontada, o construto *para aí* é utilizado para refrear a proposição alheia e introduzir uma ponderação. É importante destacar que as três ocorrências de *para aí* no *corpus* são provenientes do mesmo enunciador, o parlamentar José Medeiros. Sendo assim, concluímos haver motivação interna desse falante para tais realizações. Contudo, constatamos não se tratar de mera inovação linguística individual, uma vez que levantamos outras ocorrências desse uso em *sites* da web. Ao comparar os dados do *corpus* oficial com o complementar, observamos a tendência de uso do construto *para aí* posposto à conjunção adversativa *mas* (muitas vezes, empregada como marcador discursivo).

Tal como realizado nas subseções anteriores sobre os subníveis microconstrucionais, no estudo da competição no nível do construto, também procedemos à análise das suas características de esquematicidade, produtividade e composicionalidade e das suas propriedades de conteúdo.

- Esquematicidade: Todos os construtos são totalmente preenchidos, evidenciando que, nesse nível, praticamente inexistem esquematicidade; há especificações das subpartes nucleares (frases nominais indutor-refreadoras: *alto* e *calma*; verbos indutor-refreadores: *espera*, *segura*, *aguenta* e *para*,) e especificações das subpartes periféricas (afixoides de origem locativa: *aí* e *lá*).
- Produtividade (frequência *token*): Entre os séculos XIX e XXI, foi encontrado no *corpus* o seguinte quantitativo de construtos MD RA: *alto lá*: 149; *calma aí*: 17; *calma lá*: 18; *espera aí*¹¹: três; *pera aí*: um; *perai*: quatro; *espera lá*: um; *segura lá*: um; *aguenta aí*: um e *para aí*: três. Não foi encontrada ocorrência de *segura aí* e *aguenta lá* no *corpus* principal, portanto, a investigação qualitativa foi realizada com dados obtidos de *sites* da web. A alta frequência *token* de *alto lá*, bastante superior às demais, pode ser explicada pelo fato de esse ser o construto prototípico da subfamília dos marcadores discursivos refreador-argumentativos.
- Conteúdo (sentido): O sentido de cada um dos construtos, apontado anteriormente, corresponde ao significado de refreamento argumentativo somado a particularidades contextuais, sobretudo pragmático-cognitivas.
- Composicionalidade: Todos os construtos são considerados não composicionais, pois a soma do significado de cada subparte não equivale ao conteúdo global da nova unidade. Contudo, é preciso ressaltar que algumas marcas histórico-discursivas e pragmático-

11 O resultado quantitativo dos construtos MD RA *espera aí*, *espera lá* e os estruturalmente derivados a partir desses está em reanálise, o que certamente acarretará aumento do número de ocorrências.

-cognitivas vinculadas às subpartes podem ser transferidas ao contexto de uso do construto, o que confere sentido particular a cada uma das instanciações. Algumas análises sobre o sentido construcional podem suscitar discussão sobre uma possível gradualidade no que diz respeito à composicionalidade dos construtos. Contudo, o tema não será aqui desenvolvido, podendo ser retomado em trabalhos futuros.

A correspondência total ou sinonímia perfeita entre duas ou mais construções dar-se-ia se, e somente se, houvesse equivalência integral entre todas as propriedades de conteúdo (semântico, pragmático e discursivo) no nível do construto. Como visto, o uso das distintas formas de construto implicou, ao menos, diferenciações pragmático-cognitivas, altamente vinculadas aos contextos de instanciação. Sendo assim, constatamos não haver sinonímia perfeita entre os construtos MD RA, o que comprova, nesse nível mais baixo da hierarquia construcional, o princípio da não sinonímia proposto por Goldberg (1995).

Considerações finais

Concernente à competição em nível microconstrucional de subnível II, consideramos haver uma espécie de *sinonímia virtual ou potencial*, em que as microconstruções parcialmente esquemáticas são passíveis, em tese, de instanciar microconstruções preenchidas, de significado compatível. No que se refere à competição em nível microconstrucional de subnível I, verificamos a ocorrência do que chamamos de *sinonímia aparente ou paradigmática*. A sinonímia aparente é marcada pelo pertencimento ao mesmo paradigma, no caso deste estudo, o dos marcadores discursivos refreador-argumentativos. Em se tratando da competição no nível do construto, não houve constatação de *sinonímia perfeita*. A não verificação de sinonímia perfeita ou pormenorizada se dá por não haver correspondência em todas as propriedades de conteúdo (semântico, pragmático e discursivo) no nível do construto.

Conjugando nossos estudos linguísticos funcionalistas com os parâmetros da gramática tradicional a respeito da compatibilidade semântica dos termos, podemos dizer que o que se apresenta como sinônimo nas gramáticas e dicionários corresponderia ao que aqui denominamos *sinonímia aparente ou paradigmática*, em nível abstrato e virtual da hierarquia construcional. No entanto, no que se refere propriamente à perspectiva da LFCU, concluímos que as análises no nível do construto, ou seja, do uso efetivo, nos conduzem a não verificação de *sinonímia perfeita*, o que concorre para confirmar, nos termos de Goldberg (1995), o princípio da não sinonímia. É importante frisar que a constatação do princípio da não sinonímia de modo algum desabona a competição entre os marcadores discursivos refreador-argumentativos. Como explicado anteriormente, o caráter de comutabilidade

desses MD está relacionado ao compartilhamento de propriedades que caracterizam o pertencimento ao mesmo paradigma.

Neste artigo, nos detemos no exame da competição interna, isto é, na avaliação da comutabilidade de termos de um mesmo paradigma, o da marcação discursiva refreador-argumentativa, contudo, acreditamos que os mesmos critérios avaliativos expostos no presente estudo possam ser aplicados a pesquisas de competições externas. Aqui, também nos concentramos na análise qualitativa da competição entre microconstruções e entre construtos. Para trabalhos futuros, nossa agenda de pesquisa prevê o desenvolvimento de um estudo mais detalhado em termos quantitativos, contemplando, de modo mais particularizado, a associação da frequência *type e token* aos resultados qualitativos apresentados.

REFERÊNCIAS

- BATORÉO, Hanna. Jakubowicz. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2000. (Tese de doutorado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1996).
- BOOIJ, Geert Evert. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BOOIJ, Geert Evert. Morphology in Construction Grammar. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (Ed.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: University Press, p. 255-273, 2013.
- BYBEE, Joan. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette Éducation, 1992.
- CROFT, William. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DIEWALD, Gabriele; SMIRNOVA, Elena. Paradigmatic integration: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: *Grammaticalization and Language Change*. New reflections, Davidse, Kristin, Tine Breban, Lieselotte Brems and Tanja Mortelmans (Ed.). [SLCS 130]. Amsterdam: Benjamins, 111-133, 2012.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito (Org). *Variação e mudança em perspectiva construcional*. Natal: Editora da UFRN, 2018.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HILPERT, M. *Construction grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth e HEINE, Bernd (Org.). *Approaches to grammaticalization*. Vol I. Focus on theoretical and methodological issues, Amsterdam: John Benjamins, 1991.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Arquitetura construcional e competição pelo uso. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito (Org.). *Variação e mudança em perspectiva construcional*. Natal: Editora da UFRN, 2018, p. 105-136.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; ARENA, Ana Beatriz. O viés funcional do pareamento simbólico função <> forma na abordagem construcional da gramática. *Soletras*, Rio de Janeiro, n. 37, p. 30-58, jan-jun. 2019.

ROSA, Flávia Saboya da Luz. *A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa: uma análise cognitivo-funcional*. 216 fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2019.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016.

TRAUGOTT, Elizabeth-Closs. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In Regine Eckardt, Gerhard Jäger, and Tonjes Veenstra, eds., *Variation, Selection, Development--Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

TRAUGOTT, Elizabeth-Closs; DASHER, Richard. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, Elizabeth-Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.